



OPINIÃO



A grandeza de uma vida

ANTÓNIO PINTO LEITE

Sócio fundador
da Morais Leitão

Cruzei a minha vida com a vida do José Manuel Galvão Teles. Foram quarenta anos, quase sempre com gabinetes lado a lado. Ambos muito afetivos, os laços firmaram-se com intensidade. Morreu um irmão mais velho, daí sentir este vazio.

Era um grande homem, um grande advogado e um homem bom, tudo na mesma pessoa.

Trata-se aqui de registar a grandeza de uma vida, a grandeza da própria vida. A grandeza interior tem sempre uma capacidade de amar e um inegociável instinto de liberdade. Tem uma alegria e um desprendimento que não se domam, que se transmitem, que desassombram, que são carisma. A grandeza interior é instrumental de tudo o resto. Todos temos o nosso tempo, nem todos temos um destino. O que agora se recorda é um destino. O José Manuel tinha um destino, ser advogado como ele foi, é um destino. E cumpriu esse destino. Eu vi, é dos melhores advogados de sempre.

Não há vidas por acaso, ninguém passa ao lado de si mesmo por acaso, ninguém cumpre um destino por acaso. Pode nascer-se grande e viver uma vida pequena. O José Manuel nasceu grande e viveu a vida dos grandes. E, como os grandes, foi sempre dono dos seus passos, mesmo quando o corpo lhe fugia, num exemplo de amor à vida, de bravura e de humildade. Várias vezes me fez lembrar a mesma coragem do Papa João Paulo II. Como alguém lembrou, o José Manuel dizia "O meu corpo não tem dignidade, mas eu tenho".

Era um grande advogado. Recordo o privilégio do seu gabinete aberto, a sua serenidade, nunca trocando a inteligência pelo mais pequeno desnorte ou pelo voluntarismo intelectual, a sua profundidade súbita, como se passasse logo a viver dentro das próprias questões, a sua cultura jurídica, orgulhosa de não saber de cor o número dos artigos da lei, a sua notável intuição, sempre combativa e ávida de uma solução ganhadora, a sua



Manuel Azevedo

generosidade inesgotável, como se as causas de todos fossem por igual suas também, a sua dialética apaixonada mas humilde, sempre atento a que uma ideia boa ou melhor pudesse acontecer.

Recordo como no início da minha carreira e a estrear-me na barra, me apaziguava vê-lo quase não comer antes de um julgamento, acumulando uma tensão feroz e tranquila para esse momento único da vida do advogado que é a audiência de julgamento. Você

não come, José Manuel? Não, estou tenso e devo estar tenso, ensinou.

A nossa instituição, a Morais Leitão, é o fruto da reunião de várias histórias e instituições, qual delas a mais rica. Houve em todas elas o mesmo caudal de valores e de sonho. A arte, o difícil, o desafio, foi reunir em poucos anos uma concentração de talento tão pouco vulgar. Na primeira linha desse movimento, verdadeiramente histórico, o José Manuel Galvão Teles esteve sempre.

É conhecido o seu sentido estético, a começar por si próprio e pelos seus quadros. Esse sentido estético também encontro no seu contributo para a criação de uma sociedade de advogados especial. Tinha dimensão estética o seu fascínio pelo talento, pelo conhecimento, pelo Direito, pelo critério de dar vantagem à qualidade dos advogados, humana e profissional, sobre o aspeto económico. Com ele, enquanto concebíamos o futuro, falávamos de Valor, o dinheiro não era tema, seria o que fosse e uma mera consequência do Valor.

O José Manuel era um homem bom. A bondade dele tinha carácter, era ele. Podemos ser céu, deserto ou inferno para os outros. O José Manuel era céu, sempre céu, nunca era indiferente ou árido, como o deserto, ou tortuoso e abrasivo, como o inferno. Tinha a humanidade que distingue as relações felizes. Com o José Manuel sempre se podia dizer, como é bom estar aqui. Não sabia não ser generoso, não sabia não ser justo, não sabia não ser terno, não sabia não ter compaixão, não sabia não ser divertido. O humor e o sentido de humor são armas que constroem céu entre as pessoas e o José Manuel sabia e abusava.

Ambos fazíamos política, na sua dimensão cívica. Ele no PS, eu no PSD, belas e amigas discussões. Não resisto a recordar como, em 1989, no segredo dos nossos dois gabinetes contíguos, o José Manuel preparou a candidatura de Jorge Sampaio à Câmara de Lisboa, unindo toda a esquerda, enquanto eu, então Presidente da Distrital de Lisboa do PSD, preparei a candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa, com o apoio de toda a direita. Muito nos rimos quando descobrimos!

Fui um privilegiado. Como conversei com ele, se a vida me desse oportunidade para regressar 40 anos atrás e me dissesse para escolher um colega, um amigo e um sócio para o resto da vida, escolhia de novo o José Manuel Galvão Teles. ■